

Patrimônio e bem-estar social: o centro histórico de Niterói (RJ)

Heritage and social welfare: the historical center of Niterói (RJ)

Patrimonio y bienestar social: el centro histórico de Niterói (RJ)

Regina Celia da Silva Costa¹

Recebido em: 28/10/2013

Aceito para publicação em: 24/2/2014

Resumo: O presente artigo busca colaborar com a revitalização do centro histórico da cidade de Niterói (RJ), por meio de uma reflexão sobre seu patrimônio cultural e a relação que mantém com seus habitantes. Pretendemos enfatizar como a percepção de integração e pertencimento reforça o bem-estar social, contribuindo ativamente para a promoção da cidadania e da autoestima. A melhora qualitativa dos espaços urbanos é fator preponderante no desenvolvimento da coletividade como um todo e na promoção de riquezas em diversos níveis, do econômico ao cultural.

¹ Doutora em Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Desenvolve atualmente Pós-Doutorado no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGARTES/UERJ). Dedicar-se especialmente a pesquisas sobre bens patrimoniais urbanos e identidade cultural e defende a revalorização do centro histórico da cidade de Niterói (RJ). Atua também como jornalista e escritora.

Palavras-chave: patrimônio cultural de Niterói; revitalização; espaço urbano; educação patrimonial.

Abstract: The aim of this paper is to contribute to the revitalization of the historic center of the city of Niterói, RJ, through a reflection on its cultural heritage and the relationship with its inhabitants. We intend to emphasize how the perception of integration and belonging enhances social welfare, actively contributing to the promotion of citizenship and self-esteem. The qualitative improvement of urban areas is a major factor in the development of the community as a whole and in the promotion of wealth at different levels, from the economic to the cultural.

Keywords: revitalization; cultural patrimony; urban spaces; heritage education.

Resumen: Este artículo tiene por objeto contribuir a la revitalización del centro histórico de la ciudad de Niterói (RJ), a través de una reflexión sobre su patrimonio cultural y su relación con sus habitantes. Tenemos la intención de resaltar cómo la percepción de integración y pertenencia refuerza el bienestar social, contribuyendo activamente a la promoción de la ciudadanía y de la autoestima. La mejora cualitativa de las zonas urbanas es un factor importante en el desarrollo de la comunidad en su conjunto y en la promoción de riquezas en los diferentes niveles, del económico al cultural.

Palabras clave: revitalización; patrimonio cultural; espacio urbano; educación patrimonial.

INTRODUÇÃO

A qualidade dos espaços urbanos é fator preponderante no desenvolvimento da coletividade como um todo e na promoção de riquezas em diversos níveis, do econômico ao cultural. Insistimos no conceito de que cultura, liberdade e inclusão social se entrelaçam profundamente com as esferas econômica e política, sob as quais se inserem. Essa é a razão de optarmos por uma abordagem plural e interdisciplinar neste breve estudo, para que não incorramos numa simplificação demasiada do sistema de relações presentes no mundo contemporâneo.

Nesse contexto, a revitalização do centro da cidade de Niterói (RJ) faz-se necessária e urgente. Ela abrange uma reflexão sobre seu patrimônio histórico, artístico e cultural, sua dimensão de significados e a relação que mantém com seus habitantes. Pretendemos enfatizar como a percepção de integração e pertencimento proveniente da interação entre a população e seus bens patrimoniais reforça o bem-estar social, contribuindo ativamente para a promoção de cidadania e de identidade cultural.

Niterói, como tantas outras cidades brasileiras, formou-se a partir de um centro histórico e desenvolveu suas principais atividades econômicas e administrativas nessa área mais antiga. Ao longo de muitos anos a cidade se expandiu e reorganizou limites. Crescendo sobre si mesma, construiu e reconstruiu espaços, adaptando não apenas sua arquitetura e seu desenho urbano, mas também oferecendo significados simbólicos e afetivos a tais lugares.

A despeito do extenso processo de deterioração pelo qual vem passando, um ambiente rico e diverso chega aos nossos dias, no qual, ao lado de construções importantes e inseridas numa macroesfera patrimonial convivem, também, edifícios arquitetônicos mais modestos.

O reconhecimento dessas relações é importante, na medida em que proporciona resistência ao movimento de absorção por uma grande metrópole como o Rio de Janeiro. As políticas públicas são imprescindíveis para a tentativa de equilíbrio entre as várias demandas da sociedade.

Por sua vez, a promoção sistemática da educação patrimonial, seja pela esfera pública ou privada, possuiria papel preponderante na difusão dessas informações sobre a cidade. Tal proposta democratizaria o acesso às informações que possibilitariam estudar e analisar não apenas o tempo histórico ou as áreas de preservação objetivadas pela legislação municipal patrimonial vigente sobre o centro histórico de Niterói, mas principalmente refletir sobre as convivências, divergentes ou convergentes, entre esses espaços e seus usos em diferentes épocas.

Ao provocar a reflexão dos cidadãos quanto a seu espaço de vida, de rotina, e resgatar a memória social e a autoestima, acaba-se de alguma forma favorecendo a reapropriação do espaço urbano e de seu tecido mais antigo. Além disso, promovem-se a investigação dos bens patrimoniais e sua repercussão no imaginário local, contribuindo para a criação de imagens, identidades e espaços de existência e felicidade para a cidade e seus cidadãos.

PATRIMÔNIO E IDENTIDADE CULTURAL

Em meio à recessão global, políticos, economistas, sociólogos, ambientalistas e a comunidade científica, como um todo, buscam respostas para equacionar o desenvolvimento econômico desenfreado preconizado pelo neoliberalismo, perante as liberdades reais e o bem-estar social. A melhoria da qualidade de vida da sociedade, a despeito do enriquecimento econômico nacional, continua se deteriorando, enquanto o apelo ao consumo não oferece trégua, tampouco sinais de esmorecimento. O Produto Interno Bruto (PIB) como medida de bem-estar social vem sendo duramente questionado. A riqueza produzida por um país não refletiria mais a satisfação de seu povo – se é que em algum momento refletiu –, e parâmetros como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) foram criados para que se incluíssem outros critérios para o cálculo dessa satisfação ou bem-estar. Citando seu cocriador, Amartya Sen, economista e ganhador do prêmio Nobel de 1998, temos:

Uma concepção adequada de desenvolvimento deve ir muito além da acumulação de riqueza e do crescimento do Produto Nacional Bruto e de outras variáveis relacionadas à renda. Sem desconsiderar a importância do crescimento econômico, precisamos enxergar muito além dele (SEN, 2010, p. 28).

Sendo assim, o desenvolvimento deveria também incluir a percepção de felicidade, cidadania e identidade social da coletividade no interior de suas próprias cidades. Nos locais onde habitam e desenvolvem suas atividades cotidianas, as pessoas perfazem caminhos e circuitos e deparam com elementos que lhes despertam, ou não, significados atualizados. Patrimônios materiais e imateriais de uma determinada comunidade poderiam, assim, de alguma forma, ter utilidade na mensuração do nível de satisfação e pertencimento do cidadão em relação à sua cidade.

O Rio de Janeiro foi recentemente declarado patrimônio natural pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco); mais que um mero título, as cidades nomeadas como patrimônio carregam um significado na memória social e na autoestima de seus cidadãos, bem como para o mundo globalizado. Outros locais de grande

importância histórica e cultural também receberam títulos de patrimônio da humanidade, mas qual sua verdadeira relação com seus habitantes? Encontram-se integrados e satisfeitos seus cidadãos? Suas vidas são qualitativamente melhores? Adequam-se ao princípio do prazer?

Eventos de grande porte, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, em vias de acontecer no Rio de Janeiro, já mobilizam a cidade e certamente terão repercussão sobre os centros urbanos mais próximos. Embora o foco principal sejam as competições esportivas, naturalmente a esfera cultural mobilizará a cidade. Sabemos que o turismo se tornou um desdobramento da cultura nas sociedades contemporâneas e nos eventos, contribuindo significativamente para o *status* e, claro, o aumento de fluxo turístico.

A cultura e o comércio estão indissolúvelmente interligados na pós-modernidade. Se as identidades sociais são construídas por meio da troca de valores, existe a possibilidade de outros espaços se beneficiarem da convergência da recuperação do tecido urbano e da atividade econômica advinda do turismo. Evidentemente temos ciência dos aspectos positivos e negativos do turismo de massa. Cabe, contudo, à sociedade, ao poder público e à atividade empresarial definir os termos da equação para que desenvolvimento econômico e inclusão social sejam otimizados.

Cada vez mais complexo, o mundo deve ser examinado de forma não isolada ou fragmentada. Uma compreensão mais abrangente conseqüentemente se tornará mais esclarecedora. Sobre estes assuntos – fragmentação da realidade e mundo pós-moderno – comenta o sociólogo Immanuel Wallerstein (2002, p. 160):

Esta partição da realidade social certamente derivou da filosofia iluminista [...]. É muito fácil reconhecer que este é um dogma da ideologia liberal, a ideologia dominante dos últimos dois séculos, que serviu como geocultura do sistema-mundo moderno. E a prova incidental de que o pós-modernismo é apenas a última versão do modernismo é o fato de que os pós-modernistas absolutamente não escaparam desse modelo esquemático.

Desviando-se o olhar dos notórios monumentos históricos e dirigindo-o para prédios menos conhecidos, pequenos edifícios e sobrados como os encontrados por todo o centro da cidade de Niterói, é possível vislumbrar convivências interessantes entre os espaços e seus usos em diferentes épocas. Contudo as relações entre patrimônio e monumento devem ser mediadas por sua função no interior da realidade social, por sua repercussão no tempo vivido e com seus significados atuais, e não limitadas puramente a discussões de ordem estética ou historicista.

O monumento assegura, acalma, tranquiliza, conjurando o ser do tempo. Ele constitui uma garantia das origens e dissipa a inquietação gerada pela incerteza dos começos. Desafio à entropia, à ação dissolvente que o tempo exerce sobre todas as coisas naturais e artificiais, ele tenta combater a angústia da morte e do aniquilamento (CHOAY, 2001, p. 18).

Evidentemente, em muitas situações o tombamento oficial impõe-se como uma necessidade. Ele permite à cidade preservar e ao mesmo tempo reconhecer elementos de sua própria cultura. Esse é o caso de edificações como a Prefeitura Velha (o antigo Palácio Arariboia), a Praça da República ou ainda o Teatro Municipal de Niterói. Tal reconhecimento é importante, já que proporciona resistência ao movimento de absorção de uma grande metrópole como o Rio de Janeiro. Entretanto ele deve ou deveria incluir também o envolvimento do grupo social ao qual dirige o sentido de sua própria existência.

Figura 1 – Teatro Municipal de Niterói – restaurado e reinaugurado em 1995

Fonte: Foto de Francisco Chalréo (2013)

Rio de Janeiro e Niterói são cidades que há muito mantêm destinos interligados, ao mesmo tempo unidas e separadas pela Baía de Guanabara. Guardam, desde a época de Arariboia – chefe indígena que lutou ao lado dos portugueses pela expulsão definitiva dos franceses da baía, em 1555, e que ganhou como recompensa as terras niteroienses –, uma constante relação política, econômica e cultural que se aprofundou a partir do Império, depois na República e ainda hoje se encontra definitivamente presente.

O Velho centro cívico e de negócios da cidade, em plena atividade econômica, é a porção maior a ser preservada. Nele a memória da velha capital fluminense de antes da fusão funciona como um resumo – como todo centro da cidade que se preze – da cidade inteira. E é assim compreendido como instrumento de preservação da própria imagem da cidade para os niteroienses. Eu quero dizer que a manutenção do bairro do Centro, como centro da cidade, é a única garantia fundamental da manutenção de Niterói como cidade. Que se Niterói perder (no seu imaginário mítico e cultural) o seu centro, ficará na órbita do centro do Rio... terá virado subúrbio... (ROCHA-PEIXOTO, 1997, p. 224).

Deve-se, sem dúvida, procurar reforçar o sentimento de comunidade de Niterói para impedir que um movimento de suburbanização aconteça, trazendo assim uma descaracterização e um esvaziamento da memória e do prazer da experiência da cultura local. Como destaca Freud, em sua obra *O mal-estar na civilização* (1997, p. 33), “caminhos muito diferentes podem ser tomados nessa direção [o princípio do prazer], e podemos conceder prioridades quer ao aspecto positivo do objetivo, obter prazer, quer ao negativo,

evitar o desprazer”. Consequentemente, a sensação de não pertencimento e a falta de integração com o próprio espaço urbano acarretariam a falta do bem-estar, de uma relação de desprazer e baixa autoestima.

Figura 2 – Praça Arariboia, núcleo central da atividade urbana do centro histórico da cidade



Fonte: Foto de Adriana Schueler (2013)

Procura-se questionar se esses espaços permanecem ativos no imaginário local, se, a despeito de suas ruas malcuidadas e seus prédios em ruínas, ainda suscitam emoções:

Essas velharias que parecem dormir, casas desfiguradas, fábricas desativadas, cacos de histórias naufragadas, elas ainda hoje formam as ruínas de uma cidade desconhecida, estranha. Irrompem na cidade modernista, cidade de massa, homogênea, como os lapsos de uma linguagem que ninguém conhece, quem sabe inconsciente. Elas surpreendem (CERTEAU, 1996, p. 190).

Não basta que uma legislação municipal indique áreas de preservação. É preciso que se encontrem instrumentos para que elas não se tornem apenas uma herança incômoda do passado, mas que integrem o planejamento global da cidade, podendo assim se corresponder com todas as esferas do espaço urbano e desempenhar um papel ativo e significativo no plano simbólico da cidade e de seus cidadãos. Torna-se imprescindível uma participação dos cidadãos que sinalize os espaços de inclusão – ou exclusão – dos bens patrimoniais, e é importante, na esfera das políticas públicas, perceber que a utilidade dos recursos e das

riquezas se encontra no âmbito das coisas que a cidade nos permite fazer. A riqueza não é um bem em si; sua utilidade é obter proveito de alguma outra coisa, e aqui se incluem liberdade participativa, melhoria de vida, preservação patrimonial e integração cultural. Como destaca Sen (2010, p. 33):

Assim, atenta-se particularmente para a expansão das capacidades das pessoas de levar o tipo de vida que elas valorizam – e com razão. Essas capacidades podem ser aumentadas pela política pública, mas também, por outro lado, a direção da política pública pode ser influenciada pelo uso efetivo das capacidades participativas do povo.

E ainda, mais adiante:

Existe um inescapável problema valorativo na decisão do que se deva escolher se e quando acontecer de algumas partes da tradição não puderem ser mantidas juntamente com as mudanças econômicas e sociais que possam ser necessárias por outras razões. Essa é uma escolha que as pessoas envolvidas têm que enfrentar e avaliar (SEN, 2010, p. 49).

Alguns exemplos arquitetônicos apontam nessa direção, e entre eles podemos citar a Estação das Barcas. Síntese da ligação por via marítima entre as duas cidades – Rio de Janeiro e Niterói –, foi e ainda é fundamental para o crescimento econômico e social, por atrair um grande fluxo de pessoas e negócios. Além disso, esse transporte, inaugurado há 170 anos, encontra-se até os dias de hoje relacionado profundamente à memória e aos usos da cidade e de seus cidadãos. Da mesma maneira, o Prédio dos Correios, recentemente restaurado e devolvido ao centro da cidade, era o local da troca de informações e da correspondência, da ausência e da presença de notícias entre pessoas, do recebimento e envio de encomendas; atualmente abriga o Espaço Cultural dos Correios, oferecendo a possibilidade de usos alternativos e significativos no espaço urbano local. Há ainda o conjunto de grandes prédios que cercam a chamada Praça da República, como o Fórum, a Secretaria de Segurança, a Câmara Municipal, o Liceu e a Biblioteca Pública, que, criados no início do século passado, ainda hoje formam um expressivo quadrilátero que reúne o saber e a cultura, as leis e a justiça. Por aqui a sociedade se movimenta e se articula intensamente.

Outros espaços correspondem não a prédios isolados – ou um conjunto deles –, porém a ruas que desenvolvem um determinado pendor existencial. O tema da vocação comercial do centro da cidade leva-nos a assinalar a presença de antigas e expressivas casas comerciais em ruas como a Marechal Deodoro, a Visconde de Uruguai e a Rua da Conceição. Procuramos destacar a importância dos lojistas para o desenvolvimento econômico e para a preservação da memória da cidade. Eles cumprem o papel de manter tradições não apenas no aspecto comercial – o comércio de rua –, mas também na ambiência do espaço urbano, do percurso do olhar pela cidade, de seus valores, usos e costumes. Comenta John Urry (2001, p. 170) ao analisar locais como esses e os citados anteriormente:

Existe um desejo aparente, por parte das pessoas que vivem em determinados lugares, de conservar ou de implementar edificações, pelo menos em seus espaços públicos, que expressem aquela localidade particular na qual elas vivem. Essas edificações velhas parecem ter inúmeras características: solidez, já que sobreviveram às guerras, erosões, empreiteiros, planejamento urbano, etc.; autoridade, pois significam que a idade e a tradição são dignas de preservação; e artesanato, já que foram construídas recorrendo a técnicas e materiais pré-modernos subestimados.

Reafirmamos, entretanto, que sem preservação nem mobilização dos agentes sociais, políticos e econômicos, a tendência é a sujeição de tais espaços a outras prioridades que os aniquilem ou os descaracterizem. Não podemos deixar de chamar atenção para a prática midiática contemporânea e o fascínio sobre o imediato que acabam contribuindo profundamente para a perda de sentido histórico.

Sabemos que, de alguma forma, sempre se procurou resguardar alguns exemplos da tradição presentes nas cidades, ainda que apenas pela conservação de certos monumentos ou áreas específicas. Eles, a princípio, comunicariam um determinado conteúdo ou um significado de valor – por exemplo, a autoridade do Estado, a importância da memória de um fato ou uma personalidade histórica, a força da fé religiosa, entre outros. Também em relação à arquitetura privada, esta comunica valores reais ou atribuídos: luxo ou grandeza, condição social e econômica de seus proprietários ou, ainda, símbolos de prestígio emprestados de monumentos-modelos, esvaziados de seus significados originais.

Evidentemente, tudo aquilo que se oferece como fato histórico ou simbólico no contexto urbano é suscetível de interpretação, de atribuição de valor. Uma coisa é a conservação de prédios ou objetos cujo valor é reconhecido pelo especialista, outra coisa é a forma como eles são interpretados pela comunidade local. Os indivíduos componentes de uma comunidade opõem-se à destruição de certos fatos que para eles têm importância simbólica, incluindo-se aí os valores sentimentais. Por outro lado, são indiferentes a outros – mesmo com estatuto oficial – cujos significados tenham se esvaziado, constituindo meros cenários urbanos.

CIDADANIA E AUTOESTIMA

Acreditamos na relevância dos temas associados ao patrimônio urbano, principalmente num momento em que o Rio de Janeiro se prepara para receber eventos de grande porte como a Copa do Mundo, em 2014, e as Olimpíadas, em 2016, repercutindo direta e indiretamente no tecido social da capital e das cidades vizinhas.

Tomando como referência a relação entre desenvolvimento urbano, patrimônio e bem-estar social, pretendemos neste projeto destacar as dinâmicas sociais, culturais e econômicas, sistematizar suas relações e avaliar seus resultados e suas aplicações. No cenário contemporâneo da cidade de Niterói encontra-se a deterioração do espaço urbano, no qual monumentos históricos convivem ao lado de edificações antigas e variadas, como estabelecimentos comerciais, casas e instituições, oferecendo uma multiplicidade de estilos arquitetônicos e decorativos, a imensa maioria em estado deplorável. A modernização da cidade não deveria passar necessariamente pela exclusão de sua memória, de seus velhos percursos, das antigas edificações.

Num momento em que se privilegia o novo – evidenciado pelo Caminho Niemeyer, edificado em toda a orla do centro da cidade, culminando com o Museu de Arte Contemporânea (MAC) –, por que não contrapô-lo ao antigo, resgatando a memória e a autoestima da sociedade em relação a um passado que ainda pode oferecer significados? O centro histórico teve importância decisiva no processo de desenvolvimento e de criação de uma atmosfera onde estiveram presentes manifestações culturais peculiares da cidade. Contudo de que forma esse centro repercute hoje no imaginário e na realidade de seus cidadãos? Como pode tornar suas vidas mais ricas interiormente, num sentido subjetivo, e, por outro lado, promover o desenvolvimento material?

Deve-se observar com cuidado o casario eclético construído no fim do século XIX e início do século XX, voltado para o comércio e a habitação comuns. Independentemente da existência das grandes construções, devidamente tombadas, as atividades desenvolvidas nas portas dos armazéns, na sacada das casas, nas ruas e nas praças foram capazes de oferecer uma atmosfera sensível, de criar um “espírito de lugar”. A questão que se investiga é se

na cidade moderna essas casas e essas ruas constituem ainda espaços capazes de mobilizar afetos, preservar identidades, proporcionar bem-estar.

Figura 3 – Casario eclético na Rua Visconde de Uruguai, 403



Fonte: Foto de Francisco Chalréo (2013)

A ideia de propor uma abordagem do patrimônio, aqui especificamente dos bens culturais urbanos do centro histórico de Niterói, relacionando-o ao bem-estar coletivo, à memória social, inclusão, liberdade e cidadania é na verdade a extensão de uma trajetória acadêmica que vem privilegiando temas de natureza interdisciplinar que integram, num mesmo objeto de estudo, várias perspectivas, entre elas históricas, estéticas, sociológicas, econômicas e culturais.

A memória da vida cultural do chamado centro histórico da cidade remonta ao início do século XIX, quando foi desenvolvido o primeiro plano urbanístico de Niterói – o então Plano de Edificação da Vila Real da Praia Grande, em 1822. Na sequência temos três momentos importantes da cidade: a Niterói Imperial, a *Belle Époque* niteroiense e a Niterói moderna. Procuramos aqui integrar perspectivas históricas, artísticas, culturais, arquitetônicas e urbanísticas, indo ao encontro de uma constatação tão bem resumida por Giulio Carlo Argan (1993, p. 239):

O centro da cidade certamente guarda tesouros que escapam aos nossos olhares desatentos tomados pela vertiginosa vida contemporânea. Há aqui todo um universo de valores a ser descoberto, pesquisado, documentado – e posteriormente revelado à comunidade – que retrata um estilo de vida presente em outras épocas, que reporta outras dimensões da existência.

Ao tentar escapar do viés exclusivamente nostálgico que certos locais possam vir a ter e avaliá-los pelo potencial simbólico, existe a possibilidade de criar no interior do espaço urbano lugares luminosos de existência, prazerosos, que contribuam para a manutenção e a preservação da liberdade, a inclusão e a identidade da cidade e de seus cidadãos.

No interior do espaço urbano, a arquitetura, os usos e os trajetos desempenham um importante papel no imaginário de uma determinada comunidade. Sendo assim, a cidade é o produto multifacetado de histórias, memórias, circuitos e imagens que se manifestam e que de alguma forma se expressam e oferecem um sentido àquele grupo social. Sob tal perspectiva, propomos uma investigação interdisciplinar com o intuito de apurar coincidências e divergências entre o espaço geográfico delimitado pela esfera patrimonial da cidade e o espaço de existência social dessa coletividade.

Enfatizamos que neste trabalho tratamos do aspecto restrito aos bens patrimoniais como vetores inclusivos e capazes de suscitar a percepção de bem-estar para um determinado grupo social.

Em termos geográficos, consideramos centro histórico de Niterói o quadrilátero delimitado pela Avenida Visconde do Rio Branco (Rua da Praia), Rua Visconde de Sepetiba, Rua XV de Novembro e Rua Silva Jardim. Esse centro histórico sofreu uma alteração relativamente pequena de seus limites se o compararmos com o Plano de Arruamento de 1822, a primeira planta urbanística desenvolvida para o centro da cidade.

Figura 4 – Perímetro do centro histórico de Niterói



Fonte: Mapa Google (2009)

A necessidade de revitalizar esse espaço urbano encontra-se relacionada à identificação de bens culturais que são alvo do olhar dos cidadãos que por ali transitam. Para isso se torna premente detectar quais desses bens ainda possuem uma aura, uma repercussão no imaginário, que signifiquem e que correspondam a um sentido legítimo de patrimônio e, portanto, de formação identitária.

Mapeando esses espaços de existência, seria possível contribuir com a municipalidade, no sentido de uma política de preservação patrimonial que possa efetivamente interpretar os limites desse centro da cidade, se for o caso, redefinindo-os, oferecendo novos usos aos edifícios e às áreas preservadas, em favor de uma verdadeira correspondência entre a cidade e o cidadão, de modo a privilegiar as áreas que efetivamente ocupam um lugar na alma do niteroiense e que promovem desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre o patrimônio cultural, contemplando especialmente o centro histórico de Niterói, esperamos não apenas despertar o interesse pela preservação da memória local, mas também proporcionar uma integração cada vez maior e consistente entre a cidade e seus cidadãos.

Essa integração poderia culminar na criação do Corredor Cultural de Niterói, que, a exemplo do que aconteceu no Rio de Janeiro, seria responsável por um processo de revitalização sustentável, resgatando a identidade e atualizando os usos da cidade em busca do bem-estar social. É igualmente imprescindível pensar numa política pública em educação patrimonial, para informação e formação de consciência crítica, histórica, cultural e da rede de significados que perpassa esse espaço urbano.

Se considerarmos que o centro histórico de Niterói inaugurou de fato sua condição de cidade e contribuiu de forma decisiva para seu desenvolvimento político, econômico e social, resta-nos questionar, contudo, se ele ainda mantém um valor afetivo, simbólico e de fruição para seus cidadãos.

A despeito de seu estado de degradação, da atividade comercial de rua em decadência, da deterioração dos prédios antigos e do fluxo de pessoas e veículos totalmente caótico, devemos levar em consideração o cumprimento de funções não apenas práticas, mas também significativas para a coletividade. Somente assim, acreditamos, a revitalização do centro histórico da cidade de Niterói será bem-sucedida e promoverá bem-estar social. Privilegiando sua história, sua vida cultural e relacionando o antigo espaço urbano com o novo, reafirmamos a identidade local e promovemos a autoestima cidadã.

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história das cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BACHELARD, Gaston. Poética do espaço. In: OS PENSADORES. São Paulo: Abril, 1974. v. XXXVIII.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura/SPHAN/Pró-Memória. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 23, 1994.

CAMPOS, Maristela Chicharo de. **Riscando o solo:** o primeiro plano de edificação para a Vila Real da Praia Grande (1820-1840). Niterói: Funiarte, 1998.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar.** Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo: Unesp, 2001.

COSTA, Regina Celia da Silva. **Marechal Deodoro, a rua do Imperador.** Niterói: Nitpress, 2010.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização.** Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GLISSANT, Édouard. **Poétique de la relation.** Paris: Gallimard, 1999.

ROCHA-PEIXOTO, Gustavo. Niterói Patrimônio. In: MARTINS, Ismênia de Lima; KNAUSS, Paulo (Orgs.). **Cidade múltipla:** temas de história de Niterói. Niterói: Niterói Livros, 1997.

SCHIAVO, Cléia; ZETTEL, Jayme (Coords.). **Memória, cidade e cultura.** Rio de Janeiro: Eduerj, 1997.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade.** São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

SOUZA, José Antônio Soares de. **Da Vila Real de Praia Grande à Imperial Cidade de Niterói.** Niterói: Funiarte, 1976.

URRY, John. **O olhar do turista:** lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Nobel / Sesc, 2001.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O fim do mundo como o concebemos:** ciência social para o século XXI. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

WHERS, Carlos. **Niterói cidade sorriso:** a história de um lugar. Rio de Janeiro, 1984.